

Projeto: Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2019)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência – FIGUEIREDO, Juliana Gomes de. “Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas”: histórias de crianças e adolescentes abrigados. 2012. 98f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

2) Orientador – ARAGÃO, Elizabeth Maria Andrade; MARGOTTO, Lílian Rose

3) Resumo – O presente trabalho se propõe a estudar as histórias de vida de crianças e adolescentes abrigadas em duas casas de acolhimento no município de Vitória-ES. Visualizamos a situação de abrigo pelo ponto de vista dos sujeitos abrigados priorizando suas percepções sobre a própria condição de abrigo, assim como de suas relações familiares e suas expectativas de futuro. Para auxiliar nossa pesquisa, resgatamos a história do abandono no Brasil desde a colonização até a atualidade, atravessada pela doutrina do higienismo e também pelo aparato médico-jurídico enquanto ferramenta de tutela de uma população específica. Percorremos ainda a história da legislação infanto-juvenil brasileira, desde a criação do primeiro Código de Menores até a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente. Utilizamos a história oral como ferramenta metodológica para conhecer histórias de vida de crianças e adolescentes acolhidos a partir de seus relatos. Foram realizadas entrevistas nas quais buscamos ressaltar as questões mais relevantes percebidas nos encontros com crianças e adolescentes abrigados. A partir dos encontros compreendemos que práticas hegemônicas produzem subjetividades, construídas na lógica do capitalismo neoliberal, que culpabilizam e responsabilizam famílias consideradas incapazes de criar seus filhos, dentro de um modelo burguês instituído. Em geral, essas famílias consideradas incapazes são famílias pobres, classificadas como negligentes e descuidadas com seus filhos, o que pode ocasionar o abrigo. Percebemos que discursos e práticas construídas nas casas de acolhimento, por vezes, aprisionam a criança e o adolescente abrigados em construções subjetivas que os rotulam, estigmatizam e os caracterizam como inseguros, o que justificaria a sua necessidade de tutela. Porém, também pudemos perceber, a partir dos relatos de crianças e adolescentes acolhidos, que apesar da fragilização dos seus vínculos familiares anteriores, o acolhimento não impediu a formação de outras redes afetivas e a resignificação de família, escola e até mesmo o próprio futuro, criando outros modos de subjetivação. Dessa forma, inferimos que o abrigo é atravessado por inúmeras forças, e que apesar da construção de subjetividades que despotencializam/vitimizam as crianças e adolescentes abrigados, há sempre espaços para invenção de outras formas de ser e de estar abrigado, formas que singularizam o sujeito.

4) Palavras-Chave - crianças e adolescentes; Estatuto da Criança e do Adolescente; casas de acolhimento; abrigo.

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.